

## A COLONIZAÇÃO NO NORTE CENTRAL PARANAENSE E A COMUNIDADE DE SUSSUÍ

**Carina Petsch**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
[carinapetsch@gmail.com](mailto:carinapetsch@gmail.com)

**Jéssica Barion Monteiro**

Universidade Estadual de Maringá  
[jessicabarion@hotmail.com](mailto:jessicabarion@hotmail.com)

### RESUMO

A região Norte do estado do Paraná é conhecida pelos solos férteis provenientes dos derrames basálticos que atraíram imigrantes de várias partes. O objetivo desta pesquisa é a caracterização histórica, cultural e paisagística da comunidade alemã de Sussuí, localizada em Engenheiro Beltrão – PR. A metodologia se baseia em entrevistas com moradores da comunidade, resgate fotográfico da área, cartas de uso do solo denotando as mudanças no espaço rural utilizando Sistemas de Informação Geográfica. Esta comunidade se estabeleceu a partir de alemães que se deslocaram de Santa Catarina para o Paraná na década de 1940, buscando as terras férteis para plantio de café no norte paranaense. Os aspectos culturais no início da comunidade eram fortes, através da construção de um clube para celebração com danças, comidas, músicas típicas, além de o idioma falado ser geralmente o alemão. A partir da década de 1970, as lavouras de café foram praticamente extirpadas e substituídas por culturas temporárias. Quanto à evolução da paisagem, a principal mudança de 1980 para o ano de 2010 foi a área com café que diminuiu de 3,01 km<sup>2</sup> para 0,10 km<sup>2</sup>, e a cana-de-açúcar que não era encontrada em 1980 e em 2010 ocupa 4,27 km<sup>2</sup>.

**Palavras-chave:** Colonização alemã, Sussuí, Engenheiro Beltrão.

### THE COLONIZATION IN NORTH CENTRAL PARANAENSE AND SUSSUÍ COMMUNITY

### ABSTRACT

The northern region of the state of Paraná is known for fertile soils derived from basalt flows, that attracted immigrants from various parts. The objective of this research is the characterization of history, culture and landscape of the German community of Sussuí located in Engenheiro Beltrão - PR. The methodology is based on interviews with community residents, photographic rescue, letters of land use denoting changes in rural land use using Geographic Information Systems. This community was established by Germans who moved from Santa Catarina to Paraná in 1940, seeking fertile land for planting coffee in northern Paraná. Cultural aspects were strong in the early of community, through the construction of a club to celebrate with typical dancing, food, music, and the language spoken is generally German. From the 1970s, the coffee plantations were virtually extirpated and replaced by temporary crops. Regarding the evolution of the landscape, the main change from 1980 to 2010 was the area with coffee decreased from 3.01 km<sup>2</sup> to 0.10 km<sup>2</sup>, and cane sugar that was not found in 1980 and in 2010 occupies 4,27 km<sup>2</sup>.

**Keywords:** German Colonization, Sussuí, Engenheiro Beltrão.

## 1 - INTRODUÇÃO

Como data oficial para o início da Imigração Alemã no Brasil, tem-se, o dia 25 de julho de 1824 (SPINASSÉ, 2006). Segundo Seyferth (1981), a grande maioria desses imigrantes não tinha a intenção de regressar para a Alemanha. Primeiro, eles sabiam que a volta seria muito difícil;

Recebido em 20/08/2011  
Aprovado para publicação em 14/12/2012

segundo, não valia a pena, uma vez que a situação emergencial na Europa não mudaria rapidamente e, uma vez lá, voltariam a viver em condições precárias; e terceiro, a grande maioria já chegou no seu destino com a ideia de fazer do Brasil a sua nova “terra natal”, ou seja, de realmente assumir a cidadania brasileira.

Neste contexto, o estado de Santa Catarina e num segundo momento algumas cidades do estado do Paraná, se tornaram destinos dos imigrantes alemães. O processo de colonização do Norte do Paraná insere-se, em nível nacional, num contexto de expansão da economia capitalista e de redefinição do papel da agricultura no novo modelo de acumulação de capital, implantado a partir de 1930 (CORREIA E STEINKE, 2008). Na década de 1920 a CMNP (Companhia Melhoramentos Norte do Paraná) iniciou o loteamento das terras, construindo estradas, derrubando a mata e a cada 10 ou 15 quilômetros foi instalada uma pequena cidade, e a cada 100 quilômetros, uma cidade maior que viria a ser um pólo. Logo depois da colonização surgem as atividades voltadas à cafeicultura que deram o impulso necessário para que a economia local se consolidasse nesse modelo agroexportador baseado na monocultura que caracteriza o Complexo Rural no Norte do Estado. Assim entre as décadas de 1930 e 1950 o café foi o maior fator atrativo de população predominantemente rural (FAJARDO, 2005).

A partir da década de 1960, os produtores de café começaram a enfrentar problemas na sua comercialização e grande parte das lavouras foram dizimadas pela geada de 1975. No lugar do café, poucos anos depois das geadas de 1975, vão despontar no Paraná as lavouras mecanizadas de soja, trigo e milho, que ocupam prioritariamente o Norte do Estado, enquanto que o Noroeste passa a ser ocupado por pastagens destinadas principalmente para a criação de gado de corte. A implantação de culturas de caráter temporário, com elevado índice de mecanização, em substituição às culturas permanentes, com o emprego de técnicas quase que exclusivamente braçais, provavelmente exigem transformações técnicas que se refletem em modificações da organização social e econômica do quadro regional, que por sua vez se expressem na organização do seu espaço (MORO, 2003).

O quadro de esvaziamento populacional e de concentração fundiária ganha nova dimensão no final dos anos 1990 quando as lavouras de cana-de-açúcar passam a fazer parte da paisagem regional. Primeiramente, as lavouras de cana avançam sobre o Noroeste do Paraná, desalojando as pastagens; e posteriormente avançam sobre os solos basálticos do Norte, onde passam a dividir espaço com as lavouras de soja, trigo e milho. A nova forma de uso do solo vai se constituir em atividade agrícola predominante já no início do ano 2000 (SERRA, 2009).

Diante do que foi apresentado esta pesquisa visa abordar aspectos históricos, paisagísticos e culturais da chegada dos imigrantes alemães no município de Engenheiro Beltrão, na comunidade que viria a ser chamada de Sussuí. O relato da história da comunidade, de 1948 até 2010, será feita por meio de entrevistas com colonizadores e descendentes, conversas informais e pelo resgate de fotos que serviram como retrato das condições vividas pelos moradores da comunidade ao longo desses 62 anos.

## 2 – METODOLOGIA

A metodologia é baseada especialmente na realização de entrevistas semiestruturadas, aplicada aos moradores da área durante o período de março até outubro de 2010. A utilização desse tipo de entrevista, segundo Colognese e Mélo (1998), envolve um processo de interação social, no qual o entrevistador tem por objetivo a obtenção de informações por parte do entrevistado. Sendo assim, essas entrevistas foram elaboradas, utilizando-se de um roteiro flexível, ou seja que pode ser alterado ao longo da entrevista, dependendo das respostas do entrevistado. Ainda propõem que sejam utilizadas perguntas abertas, possibilitando maior liberdade para ambos os sujeitos que estão inseridos na pesquisa, ou seja, entrevistado e entrevistador. Os assuntos levantados que serviram de direcionamento para o diálogo abordam o deslocamento de Santa Catarina para o Paraná, as dificuldades enfrentadas no estabelecimento na comunidade, as mudanças no decorrer do tempo principalmente nos aspectos culturais e as mudanças na paisagem. O número total de entrevistados foi de 15 pessoas, entre filhos e os próprios colonizadores da comunidade.

O uso de fotografias também foi relevante na construção do material de pesquisa. De acordo com Burke (2004), a utilização de imagens como evidência histórica pode revelar aspectos da realidade

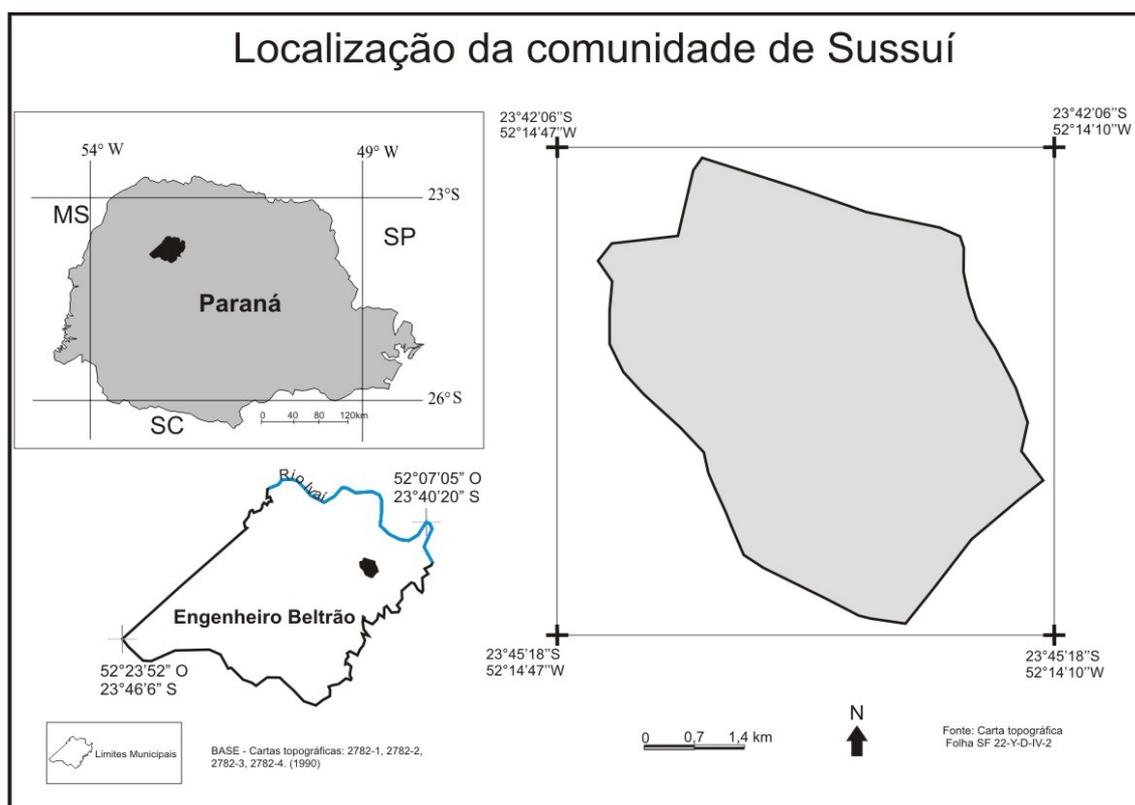
social que os textos não se atêm ou valorizam. Por outro lado, imagens são representação do real e como tal carregam certas 'distorções', intencionalidades e interesses. Todas as fotografias expostas nesse estudo foram obtidas em acervos pessoais dos entrevistados e sua reprodução foi autorizada para fins acadêmicos.

Quanto as cartas de uso do solo, foram elaboradas no Sistema de Informação Geográfica (SIG) Spring 5.06 (CAMARA, et al., 1996) a partir das informações da carta topográfica da área, para o ano de 1980, e a imagem do Google Earth, para o ano de 2010. A imagem foi georreferenciada a partir de pontos de controle da carta topográfica, e posteriormente os diferentes tipos de uso do solo foram vetorizados.

### 3 – CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA

A (re) ocupação da atual área de Engenheiro Beltrão (Figura 01) se insere dentro do processo de (re) ocupação do sertão paranaense, principalmente a partir do boom da lavoura cafeeira, após 1945, efetuada por uma empresa privada, a Sociedade Técnica Colonizadora Engenheiro Beltrão Ltda., fundada em 1947 por uma família ligada ao governo do Estado, a família Beltrão, para colonizar terras, como a Gleba Rio Mourão, com 40.762,16 hectares, da qual se formará Engenheiro Beltrão. As técnicas de colonização, utilizadas pela Sociedade Técnica Colonizadora Engenheiro Beltrão Ltda., foram as mesmas utilizadas por outras empresas e pelo Estado, com a construção de estradas nos espigões, e a divisão dos lotes de forma que tivessem acesso a estrada e água, assegurando a produção (CARVALHO, 2007). Deve-se esclarecer que se utiliza o conceito de (re) ocupação do sertão paranaense, uma vez que ele já estava ocupado por indígenas e caboclos (TOMAZI, 1997).

**Figura 01:** Localização da comunidade de Sussuí.



Alexandre Beltrão, engenheiro responsável pela Sociedade Técnica Colonizadora Engenheiro Beltrão, destacava no Plano de Colonização da Gleba Mourão que as terras são, em sua quase totalidade revestidas de mata virgem, com o predomínio da vegetação característica de todo o vale do rio Ivaí, na qual as árvores de maior porte e as mais comuns são perobas (*Aspidosperma polyneuron*), cedros (*Cedrela fissilis* Vell), figueiras (*Ficus guaranitica*), paus d'alho (*Gallesia integrifolia*), e angicos (*Albizia polycephala*), etc. (BELTRÃO, 1947, p. 27).

Grande parte dessa mata original foi desmatada restando apenas fragmentos, e com o passar do tempo as lavouras de café foram inseridas na paisagem. Contudo, já na década de 1970, com a decadência do preço do café, os alemães começaram a substituir o café por outras culturas, sendo que grande partes das lavouras foram retiradas no ano de 1975, devido as consequências da famosa “geada negra”. Recentemente, as culturas temporárias de soja e milho estão sendo substituídas por cana-de-açúcar sendo que a Usina Sabarácool, responsável pelo plantio da cana na região, já registrou um aumento de 3 vezes na área plantada no município de Engenheiro Beltrão (PETSCH & BUENO, 2010).

## **4 – RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **4.1 O deslocamento dos alemães, a colonização de Sussuí e a formação da comunidade**

De acordo com os entrevistados, os alemães que migraram para a área de Engenheiro Beltrão haviam se estabelecido primeiramente em cidades catarinenses como Taió, Blumenau e Brusque, e foram atraídos para o Paraná devido às propagandas feitas pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP) que valorizavam as férteis terras do Norte do estado para o plantio do café. As famílias saíram de Santa Catarina, e seu primeiro ponto de parada foi a cidade de Rolândia (cidade paranaense próxima à Londrina), onde as crianças e mulheres permaneceram, enquanto os homens continuaram o percurso até Engenheiro Beltrão. Assim que as condições iniciais foram estabelecidas, as primeiras famílias se estabeleceram na comunidade de Sussuí, em 26 de julho de 1948. Foi relatado pelos entrevistados que as estradas entre Rolândia e Engenheiro Beltrão eram precárias, sem asfaltamento e o período de viagem superava 5 dias, porém já havia uma balsa (Figura 02-A) sobre o rio Ivaí que facilitava a travessia dos imigrantes. A ausência de estradas ou as péssimas condições existentes permaneceram um problema, tanto para escoamento da produção de grãos dentro do município como para a principal via de acesso ao mercado, a cidade de Maringá – distante 65 quilômetros (CARVALHO, 2007). Inicialmente os próprios colonizadores tiveram que desmatar e construir as estradas, além de realizar a medição dos terrenos, mas posteriormente alguns deles foram contratados pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP) para fazer esse serviço. Toda a ocupação foi organizada pela CMNP, desde a propaganda dos lotes em SC, a venda dos terrenos, até o planejamento como a largura e localização das estradas.

De acordo com o que foi exposto nas entrevistas, quando os imigrantes chegaram a Engenheiro Beltrão não se depararam somente com uma densa mata fechada, já havia algumas áreas desmatadas por indivíduos denominados safristas, que eram posseiros errantes que se apropriavam das terras, desmatavam o local para plantio de milho e criação de seus animais e assim que a colheita era feita, seguiam para outra região. Ressalta-se que os imigrantes foram responsáveis pela maior parte do desmatamento da região de Engenheiro Beltrão. O processo de desflorestamento foi tão intenso que o Censo Agropecuário apresenta que, em 1975, apenas 59, em um universo de 1.289 estabelecimentos, declararam ter áreas com “matas naturais”, num total de 1.571 hectares no município de Engenheiro Beltrão (CARVALHO, 2007).

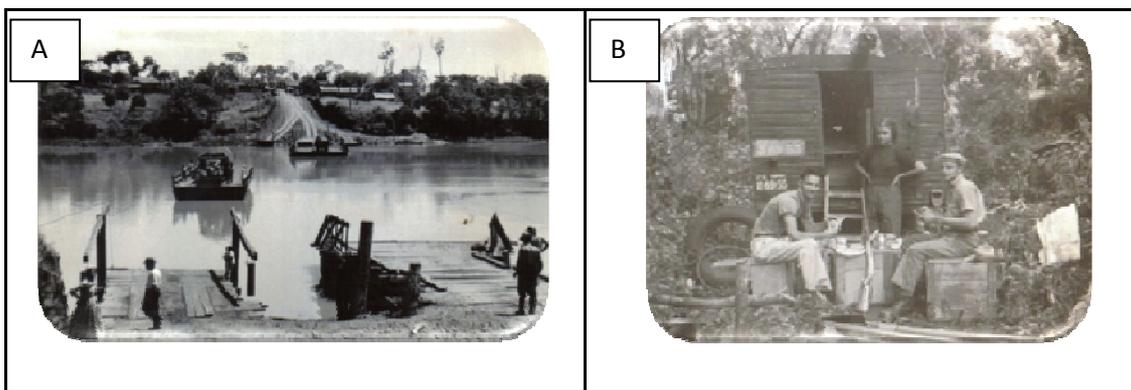
Havia duas maneiras para se realizar o desmatamento da região, segundo Cancian (1981):

1ª - Os colonos mais pobres abrem uma clareira na mata, constroem uma moradia provisória, geralmente de palmito, e depois procedem à derrubada da mata. Isto é possível no Norte do Paraná onde as terras adquiridas são de poucos alqueires. Em alguns casos são auxiliados pelos vizinhos mais próximos.

2ª - Os colonos com posses maiores contratam o serviço de especialistas em derrubadas. Tais serviços são prestados geralmente por operários temporários vindos do Nordeste do país.

Como a mata era muito densa, o desmatamento se constituía em um processo difícil e demorado, as primeiras casas e ranchos foram construídas posteriormente, sendo que os caminhões e outros veículos que trouxeram de Santa Catarina serviram como moradia nos primeiros meses no Paraná (Figura 02-B).

**Figura 03:** A – Balsa no rio Ivaí que servia para transporte de veículos e pessoas. B - Veículos que serviam como abrigo aos colonizadores em meio à mata.



#### 4.2 O trabalho familiar, lavouras de café e as propriedades da área.

O trabalho no café envolvia toda a família, e desde muito cedo as crianças se engajavam no trabalho braçal na lavoura, fato que explica em parte as grandes famílias, sendo que em média os casais tinham 7 filhos. Mesmo trabalhando as crianças tinham acesso a educação sendo que por volta de 1954, a primeira escola foi fundada, assegurando a informação básica ministrada por professores que também eram imigrantes. A primeira colheita de café em Sussuí foi registrada em fotografias, no ano de 1952 (Figura 03).

**Figura 03:** Registro fotográfico da primeira safra de café em Sussuí (1952)

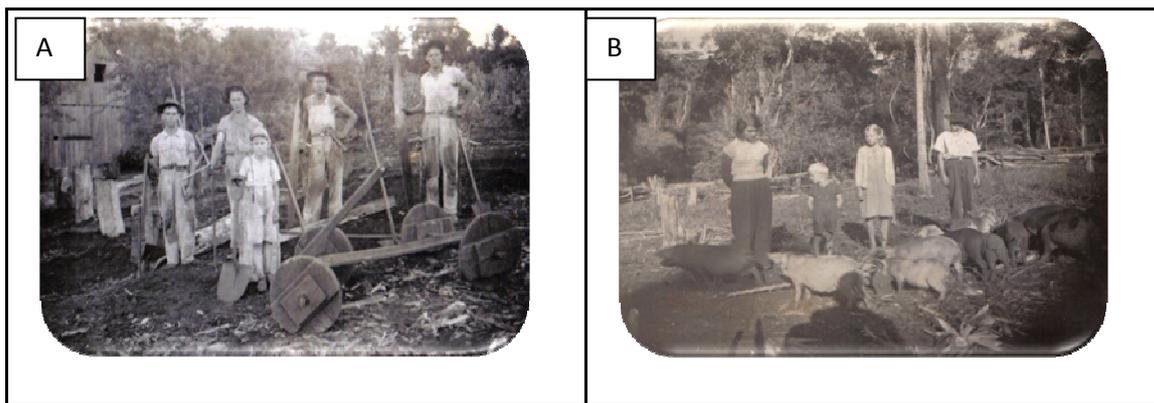


Quanto ao tamanho das propriedades variava entre 10 a 20 alqueires<sup>2</sup> para os lotes maiores e 5 alqueires para as menores. Na região colonizada pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, o tamanho médio das propriedades rurais era de 10-15 alqueires paulistas (24.200 m<sup>2</sup> ou 2,42 há). O maior número era constituído de pequenas propriedades de 10, 15 e 20 alqueires. Eram poucas as propriedades que possuíam área superior a 50 alqueires (LUZ, 1997). Os colonizadores que ocuparam estes terrenos menores acabavam trabalhando na derrubada das matas para outros colonos, garantindo assim uma renda complementar. Outro fator que deve ser ressaltado quanto aos colonizadores, é que aqueles que possuíam terrenos menores geralmente desmataram toda a área já que necessitavam de toda a terra para sua sobrevivência, enquanto o grande e médio agricultor, poderia deixar áreas florestadas que fossem impróprias ou com baixa possibilidade de aproveitamento agrícola (CARVALHO, 2007). As condições de aquisição dos terrenos eram diferentes, conforme se tratasse de: a) **lotes agrícolas:** 30% de entrada e 4 anos de prazo de pagamento; b) **chácaras:** 40% de entrada e 2 anos para pagamento; c) **datas urbanas:** 50% de entrada e 50% no prazo de um ano. Os juros cobrados eram de 8% ao ano. Os funcionários da Companhia gozavam de um desconto especial de 20%.

<sup>2</sup> 1 alqueire corresponde a 2,42 hectares.

Não haviam muitos implementos agrícolas, apenas instrumentos mais simples movidos por cavalos, bois e pelo próprio homem (Figura 04 - A). De acordo com os entrevistados, havia trabalho praticamente o ano todo na lavoura ou no manuseio com os animais domésticos, já que todo processo de colheita do café e o plantio da lavoura de subsistência era manual, além do cuidado diário com os animais. Os primeiros animais foram trazidos de Santa Catarina, mas como o transporte era difícil, devido ao preço e grandes distâncias, os imigrantes quando chegaram à Engenheiro Beltrão começaram a realizar trocas, empréstimos e vendas entre si. Os entrevistados relataram que os animais domésticos que mais facilmente eram transportados foram os suínos (Figura 04 - B), presentes em muitas das fotos que foram resgatadas.

**Figura 04:** A - Família após um dia de trabalho no café. B – Animais domésticos.

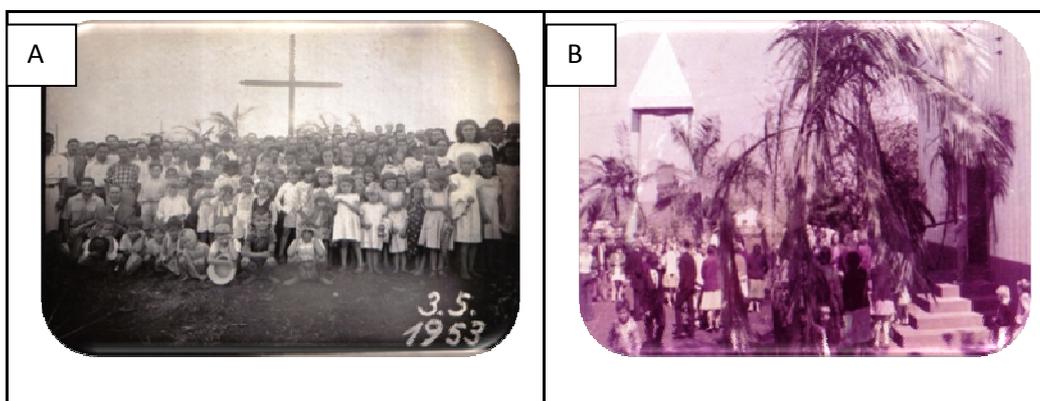


#### 4.3 – Cultura, Igreja da comunidade e festas típicas

Segundo historiadores e outros estudiosos, o governo brasileiro não dava aos imigrantes o suporte necessário. Eles próprios tinham que organizar escolas e igrejas, conseguir professores e pastores, e construir os centros comunitários, para que assim pudessem estabelecer sua estrutura (SPINASSÉ, 2006). Todas as instalações comunitárias em Sussuí foram construídas e mantidas graças a mobilização dos moradores, sendo que não houve auxílio por parte da CMNP ou do Governo. Algumas das instalações foram o primeiro moinho de fubá, criado por volta de 1954, e a farinha, construída entre 1958 e 1959.

Primeiramente, as celebrações religiosas todas realizadas na língua alemã, eram feitas nas casas dos colonos, e na década de 1950 foi construída a Igreja Evangélica de Confissão Luterana em Sussuí (Figura 05) com recursos e mão de obra dos imigrantes. Desde sua inauguração, as festas da Igreja se tornaram famosas devido a culinária típica e as músicas.

**Figura 05:** A – Construção da Igreja Luterana de Sussuí. B – Igreja construída.



#### 4.4 - Década de 1960: introdução da hortelã (*Mentha sp*)

Outros cultivos incentivaram o desflorestamento, em especial o hortelã. Enquanto o café apresentava limitações quanto ao local de seu plantio, onde os efeitos da geada eram mais

fortes, principalmente nas partes baixas próximas aos canais de drenagem (CARVALHO, 2007). Assim, foram construídos alambiques para extração do óleo da hortelã, que seria vendido para comerciantes da cidade de Engenheiro Beltrão. Tratava-se de um negócio lucrativo, porém contava com dois problemas: era necessário uma grande quantidade de hortelã para extração de uma pequena quantidade de óleo; naquela época não eram empregadas técnicas de conservação do solo, o que acabou diminuindo a produtividade do hortelã com o passar do tempo.

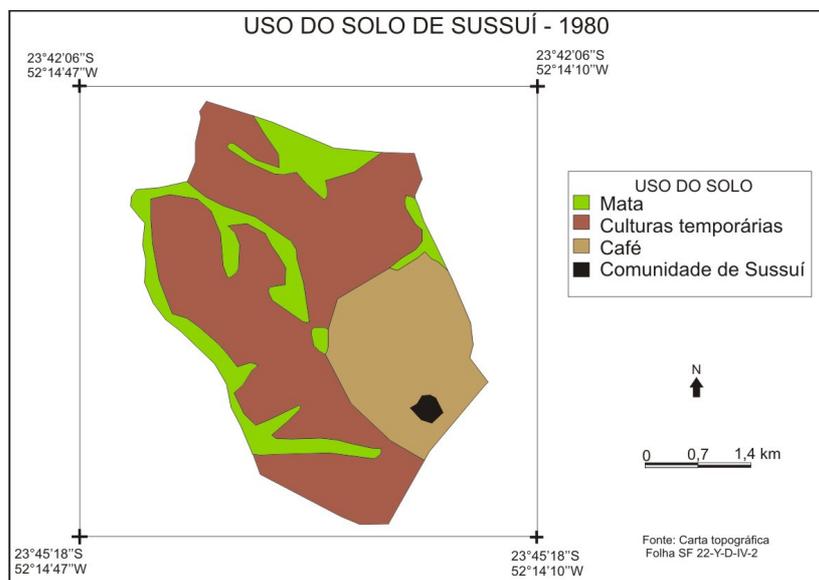
#### 4.5 – 1975: o ano da “Geada Negra”, diminuição dos cafezais e início do plantio de soja e milho.

A geada negra, que marcou a diminuição das plantações de café no Paraná, teve efeitos sobre as lavouras da comunidade alemã. De acordo com os migrantes, no ano de 1975 os proprietários rurais resolveram, substituir o café por outro produto que apresentava mais segurança em termos de comercialização e menos risco em termos de eventuais instabilidades climáticas. As culturas mecanizadas de soja, trigo e milho, o algodão e as pastagens foram alternativas que passaram a ser a preferência do agricultor (SERRA, 1986, p. 57). O auxílio e as instruções para a mecanização das lavouras, plantio das culturas temporárias e manejo do solo, veio com o início das atividades de uma Unidade da Cooperativa Mourãoense no município de Engenheiro Beltrão, inaugurada em 06 de setembro de 1974. O ano de 1975 também marca a chegada da energia elétrica à comunidade. A rede elétrica era de caráter particular e primeiramente foi comprada somente por algumas famílias, sendo que só posteriormente outras famílias foram adquirindo-a.

#### 4.6 – Uso do solo na comunidade de Sussuí em 1980

Delgado et. al. (2009) ressaltam que a paisagem representa o resultado da interação homem-meio, pois é fruto das relações sociais. Uma vez que o homem, para atender às suas necessidades básicas, como moradia, alimentação, lazer, transportes, entre outros, modifica-a, ao mesmo tempo. Ela revela a história de um povo e de uma época, carregada de subjetividade, de interesses econômicos e políticos mais diversos. Segundo Passos (2001), analisar a paisagem do ponto de vista histórico é fundamental, uma vez que, ao analisar a paisagem, não é possível negar o nível de intervenção antrópica. Nesta pesquisa, a evolução da paisagem será analisada através das mudanças no uso do solo. Em 1980, ainda restava uma área com plantio de café, que ocupava 3,01 km<sup>2</sup> exatamente sobre a parte com maior declividade que provavelmente teve ter dificultado a mecanização. A mata apresentava 2,27 km<sup>2</sup> que se agrupam próximas aos canais de drenagem e nas grandes propriedades (pequenas propriedades foram desmatadas para maior aproveitamento). Sendo que muitas áreas próximas à canais que deveriam ter mata ciliar não a possuem. As culturas temporárias e pastagens ocupavam 8,04 km<sup>2</sup> principalmente nas áreas mais planas (Figura 06).

Figura 06: Carta de uso do solo de Sussuí em 1980.

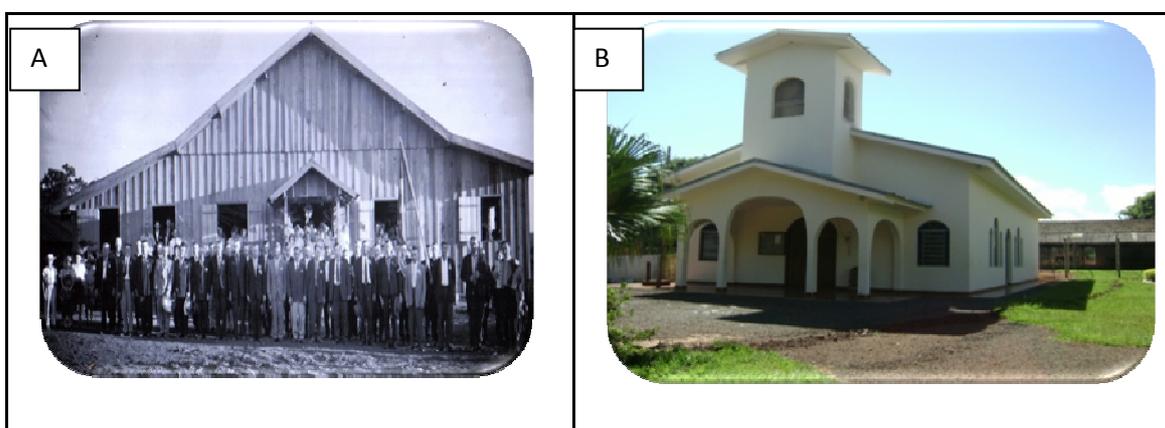


#### 4.6 - O clube de recreação da comunidade e a atual Igreja

A construção do clube recreativo da comunidade (Figura 07-A) também foi realizada com apoio dos moradores assim como ocorreu com a Igreja. O clube sediava encontros semanais, festas típicas como a “Festa para escolha da Rainha e Rei do clube”, além de bailes com música alemã e jogos de bocha<sup>3</sup>. O clube contribuiu para a manutenção da cultura alemã, das tradições na comunidade, até que no início da década de 1990, devido à má administração as atividades foram suspensas e permanecem assim até hoje. O estado atual do clube é de abandono com sinais de vandalismo, sendo que não há nenhum projeto para reativação deste.

A festa da Igreja Luterana ainda é realizada sempre no primeiro domingo de agosto, e conforme a tradição, essa data simbolizava o fim da colheita do café e o momento de celebrar. A festa da comunidade ainda é muito conhecida na região, e trata-se da única atividade que ainda preserva, em parte, a cultura alemã. A antiga igreja foi demolida e do lado desta, uma nova edificação foi erguida (Figura 07 - B).

**Figura 07:** A - Clube recreativo de Sussuí. B - Igreja Luterana de Sussuí.



Fonte: Carina Petsch, 2010.

#### 4.9 - Situação atual: Êxodo Rural, invasão da monocultura de cana-de-açúcar, uso do solo em 2010.

A importância do êxodo rural é confirmada quando se examinam os dados dos últimos 50 anos. Desde 1950, a cada 10 anos, um em cada três brasileiros vivendo no meio rural opta pela emigração. Os anos 1990 não arrefeceram em muito esta tendência pois as taxas de evasão do meio rural observadas entre 1990 e 1995 persistiram pelo restante da década, tendo em vista que quase 30% dos brasileiros que então viviam no campo em 1990 teriam mudado seu local de residência (CAMARANO, 1999).

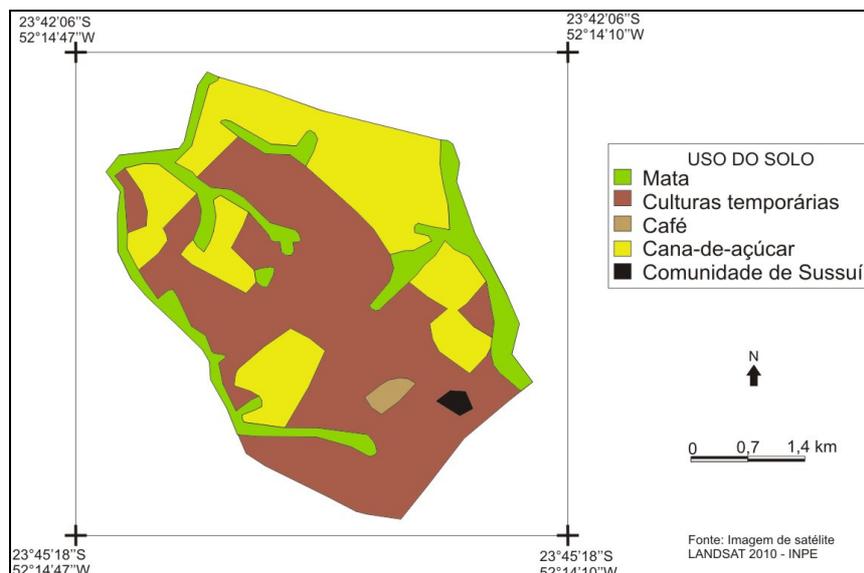
Na década de 1970 a 2000, o êxodo rural esteve totalmente vinculado com a expansão das áreas de cana-de-açúcar voltadas para a nova dinâmica do complexo agroindustrial que dita os rumos e a forma da produção na agricultura, e também a modernização dos grandes centros urbanos. A partir de 1980, a cultura de cana-de-açúcar começou a ser implantada no município de Engenheiro Beltrão e em algumas partes do Distrito de Sussuí. Atualmente, verifica-se que muitos dos pequenos agricultores apresentam dificuldades para manter suas lavouras e, assim alguns acabam vendendo suas terras para a Usina Sabarácool, ou então, arrendam suas terras para a própria Usina e permanecem no campo vivendo da renda.

A oportunidade de empregos para jovens em Sussuí é pequena, e em Engenheiro Beltrão os empregos estão relacionados apenas ao comércio, à Cooperativa Mourãoense e à Usina Sabarácool, assim muitos jovens deixam o campo, e vão para cidades maiores como Campo Mourão ou Maringá.

<sup>3</sup> É um esporte jogado entre duas pessoas ou duas equipes. O esporte consiste em lançar bochas (bolas) e situá-las o mais perto possível de um bolim (bola pequena), previamente lançado. O adversário por sua vez, tentará situar as suas bolas mais perto ainda do bolim, ou "remover" as bolas dos seus oponentes.

A principal mudança na paisagem da comunidade foi a inserção da cultura de cana-de-açúcar, como já foi dito, que ocupava em 2010 aproximadamente 4,27 km<sup>2</sup>, enquanto o café se restringia somente a uma lavoura com 0,10 km<sup>2</sup>. A área de mata ocupa 1,85 km<sup>2</sup> principalmente nas margens dos canais de drenagem demonstrando pequena diminuição em relação à 1980, e as culturas temporárias/pastagem ficam com 6,99 km<sup>2</sup> (figura 08). A área com cana-de-açúcar avançou sobre as culturas temporárias principalmente da porção Norte, enquanto que estas ocuparam as lavouras de café da porção Sul.

**Figura 08:** Carta de uso do solo de Sussuí em 2010.



## 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto da colonização da região de Engenheiro Beltrão, a colônia de Sussuí é uma questão particular porque teve uma colonização feita por alemães, num ambiente onde a maioria dos imigrantes são italianos, espanhóis, portugueses e brasileiros. Apesar de ter perdido grande parte de suas tradições, foi a colônia da região que por mais tempo conseguiu manter seus aspectos culturais originais, em relação às demais. O contato entre diferentes culturas provoca perda, soma ou a transformação de alguns aspectos, e com a comunidade de Sussuí não foi diferente.

As transformações na paisagem também contribuíram para mudanças no padrão da comunidade, por lado a cana-de-açúcar avança e muitos agricultores arrendam suas terras e migram para a cidade, e por outro lado têm-se as culturas temporárias mecanizadas que não demandam um número alto de trabalhadores como era na lavoura de café. A situação atual, analisando o contexto regional, aponta para um aumento das lavouras de cana-de-açúcar, avançando sobre as culturas temporárias e pastagens, caracterizando uma paisagem de monocultura. É importante salientar, que a Usina responsável pelo plantio dessa cultura também gera empregos, constituindo assim uma oportunidade de trabalho para muitos.

## AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que de maneira formal por meio de entrevistas e da disponibilização de fotos pessoais contribuíram, bem como aqueles que através de conversas informais forneceram importantes informações para realização desta pesquisa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTRÃO, A. **Plano de loteamento**: Memorial referente ao Terreno denominado Rio Mourão. Curitiba, set. 1947. (Arquivo Público do Paraná).

BURKE, P. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru: EDUSC, 2004.

- CAMOLEZI, B. A substituição de culturas e a dinâmica populacional no Norte Paranaense entre 1930-2005. In: **Anais do Encontro de Geógrafos da América Latina**, EGAL. Uruguai. 2009.
- CÂMARA, G.; SOUZA, R.C.M.; FREITAS, U.M.; GARRIDO, J.C.P. "SPRING: Integrating Remote Sensing and GIS with Object-Oriented Data Modelling". **Computers and Graphics**, vol.15, n.6, July 1996, pp.13-22.
- CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. **Êxodo Rural, envelhecimento e masculinização do Brasil**: Panorama dos últimos 50 anos. Instituto de Pesquisa Aplicada. Rio de Janeiro, 1999.
- CANCIAN, N. A. **Cafeicultura paranaense – 1990/1970**. Curitiba: Grafipar, 1981.
- CARVALHO, E. B. de; NODARI, E. S. **A percepção na transformação da paisagem**: os agricultores no desflorestamento de Engenheiro Beltrão – Paraná, 1948-1970. *História*, São Paulo, v.26, n.2, p.269-287, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 28 jan. 2011.
- COLOGNESE, S. A.; MÉLO, J. L. B. de. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, 1998, p. 143-159.
- CORREIA, J. L.; STEINKE, R. **Colonização do Norte do Paraná (1925-1960)**: Apontamentos acerca de seu estudo e da produção de um material didático. Secretaria de Educação do Estado do Paraná. 2008.
- DELGADO, E. N. COUTO, E. V.; PASSOS, M. M. A evolução da paisagem do município de Nova Itacolomi: uma abordagem ambiental. **Revista Acta Scientiarum Human and Social Sciences**. Maringá, v. 31, n. 2, p. 197-204, 2009.
- FAJARDO, S. Paisagem rural e território econômico: possibilidades de leitura do espaço geográfico. In: **Anais-XIV Semana de Geografia: Geografia e cinema**: Poder, territorialidade e movimentos sociais. Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Centro-Oeste. Guarapuava. UNICENTRO, 2005, p. 31-39.
- LUZ, F. **O fenômeno urbano numa zona pioneira**: Maringá. Maringá: Prefeitura Municipal de Maringá, 1997.
- MESQUITA, L. A. P.; MENDES, E. P. P. Modernização da Agricultura e Formação dos Complexos Agroindustriais. In: **Anais - XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária**, Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. São Paulo. USP, 2009.
- MORO, D. A.; ENDLICH, A. M. **Maringá espaço e tempo**: ensaio de geografia urbana. Maringá: UEM. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2003.
- PASSOS, M. M. **Perspectiva da ecóhistória aplicada ao estudo da paisagem**. Santa Rosa. La Pampa: Instituto de Biogeografia y Medio Ambiente, 2001.
- PETSCH, C.; BUENO, M. B. Acompanhamento e mapeamento em caráter temporal das lavouras de cana-de-açúcar em Engenheiro Beltrão – PR e problemas relacionados. In: **Anais I Congresso Brasileiro de Organização do Espaço e X Seminário de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista**. Rio Claro. UNESP, 2010.
- SACHS, I. **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: IN-CM, Sociedade — Civilização, 1989
- SERRA, E. 1986. **Contribuição ao Estudo do Cooperativismo na Agricultura do Paraná: o caso da Cooperativa de Cafeicultores e Agropecuaristas de Maringá**. UNESP, Rio Claro. Dissertação de Mestrado.
- SERRA, E. Noroeste do Paraná: o domínio das lavouras de cana e a nova dinâmica da paisagem nas zonas de contato arenito-basalto. In: **Anais Encontro de Geógrafos da América Latina**, EGAL. Uruguai, 2009.
- SEYFERTH, G. **Nacionalismo e identidade étnica**. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1981.
- SPINASSÉ, K. P. **Os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil**: a língua como fator identitário e inclusivo. Disponível em <<http://www.msmedia.com>>. 2006.
- TOMAZI, N. D. 1997. **Norte do Paraná: História e Fantasmagorias**. UFPR, Curitiba. Departamento de História. Tese de Doutorado.